

# Pesquisa qualitativa com grávidas que estão no centro da epidemia de zika mostra lacuna de informações

**(Agência Patrícia Galvão, 02/08/2016)** Para saber o nível de conhecimento das mulheres sobre o vírus e a síndrome congênita do zika e quais são suas percepções, anseios e demandas sobre os serviços públicos, em abril foram realizados seis grupos de discussão com mulheres grávidas, das classes CD e que acompanham sua gravidez no SUS (Sistema Único de Saúde), em Recife, João Pessoa e São Paulo.

Realizada pelo Instituto Patrícia Galvão em parceria com o Data Popular, com apoio da ONU Mulheres e da Fundação Ford, a pesquisa qualitativa revela falhas nas políticas públicas ao evidenciar um cenário de incertezas e angústias em que a perspectiva das mulheres não está no centro das respostas à epidemia que vêm sendo dadas pelo poder público, gerando uma grave lacuna de informações, acesso a testes, exames e a direitos.

Além de apontar caminhos para aprimorar as políticas públicas, a perspectiva das mulheres revela a demanda por uma cobertura jornalística mais aprofundada sobre a síndrome congênita do zika, que aproxime mais a população de gestores e pesquisadores.

*Leia também: [Pesquisa inédita aponta que 90% das grávidas querem testes para saber se tiveram zika e 70% demandam maior acesso a ultrassons](#)*

Confira seis dúvidas importantes que as mulheres entrevistadas demandam ver no foco da mídia, sobretudo dos meios aos quais elas mais recorrem na busca de informações: TV, rádio e internet.

## **1) Como prevenir o contágio por zika?**

- o O repelente é o método mais conhecido e usado; porém, relatam que a prevenção é difícil, sobretudo no início da gravidez, quando o uso do repelente causa muito enjoo.
- o Além disso, dizem que o produto é caro e não há consenso sobre o tipo de repelente que é de fato eficiente contra o zika.
- o Mesmo as que declaram saber que o zika é sexualmente transmissível não usam preservativos como forma de prevenção.
- o E os parceiros dizem que elas devem se proteger das picadas do mosquito, mas não se preocupam em também se proteger e usar preservativos nas relações sexuais.

## **2) Só há risco da microcefalia quando a grávida é contaminada até o terceiro mês?**

- o Grande parte das grávidas acredita que o risco de o vírus afetar o bebê existe apenas nos

três primeiros meses de gestação, fase em que ele está em formação. Em função disso, concentram seus cuidados preventivos nesse período.

### **3) Como veem e reagem ao que a mídia mostra sobre os efeitos da síndrome congênita do zika nos bebês?**

- o Para as grávidas, a microcefalia aparece na mídia de forma triste, feia e desoladora. Achrom que a cobertura é mais focada no sofrimento das mães com filhos com microcefalia e na “anomalia” no bebê do que em informações sobre o que é microcefalia, como se prevenir e lidar com a infecção e a doença.
- o Por isso, o que a mídia mostra gera pena e medo.
- o Não esclarece e nem mobiliza.

### **4) As gestantes estão sendo bem informadas sobre a síndrome nos serviços de saúde?**

- o As gestantes dizem não receber orientações ou ações específicas sobre o zika e os riscos na gravidez - no máximo são orientadas a usar repelente e, no Nordeste, a vestir roupas compridas.
- o Reclamam da demora nos exames e, principalmente, no ultrassom. Isso leva a maioria a fazer no mínimo um exame na rede privada ao longo da gestação.
- o Também reclamam do acolhimento prestado no SUS: atendimento rápido, pouca atenção às gestantes, falta de esclarecimentos sobre o resultado do ultrassom e despreocupação em informá-las, confortá-las ou tranquilizá-las.
- o Segundo as gestantes, são muitas dúvidas e poucas respostas: médicos e enfermeiros pouco sabem e pouco esclarecem sobre as formas de transmissão e, principalmente, os efeitos do zika sobre o desenvolvimento do bebê.
- o Quando dão informações, muitas vezes elas são desconstruídas e contraditórias, gerando ainda mais confusão entre as grávidas.
- o Ou seja, a falta de um protocolo de atendimento no espaço médico só contribui para aumentar os medos e tornar a gestação um período de grande angústia.
- o É grande o sentimento de desamparo das gestantes em relação ao SUS, não apenas no que se refere ao fornecimento de informações e orientações, mas, no caso de necessidade, de tratamento adequado à mãe e ao bebê.

### **5) Qual a relação da síndrome congênita do zika com a falta de saneamento básico?**

- o Chama atenção de parte das mulheres o fato de a maioria dos casos de microcefalia mostrados pela mídia ocorrer em famílias como as delas: de baixa renda, altamente dependentes de serviços públicos de saúde e que residem em locais com precário saneamento básico (mais expostos, portanto, aos focos do mosquito).
- o Apesar disso, geralmente não reconhecem o estado de desigualdade socioambiental em que

vivem como “fator de risco” a ser combatido. Apenas algumas fazem essa relação e atribuem ao Estado parcela de responsabilidade pela epidemia, já que ele não provê serviços de saneamento básico às regiões mais pobres.

**6) Que direitos devem ser garantidos às mães que tiverem bebês com a síndrome congênita? Como e por quem esses direitos serão garantidos? A quem recorrer se forem violados?**

o As mulheres gostariam de contar com apoio financeiro, médico e psicológico (pensão, locais de tratamento, acompanhamento psicológico à mãe etc.) para poderem se dedicar aos cuidados dos filhos e garantir seu desenvolvimento, mas acreditam que dificilmente terão esse auxílio.

*Acesse as pesquisas “Mulheres Grávidas em Face da Síndrome Congênita do Zika”:*

[Quantitativa - Instituto Patrícia Galvão/Locomotiva](#)

[Qualitativa - Instituto Patrícia Galvão/Data Popular](#)